



O VALOR EVOLUCIONÁRIO DO SENSO ESTÉTICO

STEPHEN DAVIES¹

Tradução de Charliston Nascimento²

RESUMO: Neste artigo, Stephen Davies argumenta que a capacidade humana de apreciar o belo e o sublime não é um traço meramente contemplativo, mas uma função adaptativa que contribuiu para a sobrevivência e o sucesso reprodutivo de nossos ancestrais. O autor desafia as concepções de que o modo estético é puramente passivo e de que o interesse estético deve ser indiferente à funcionalidade do objeto, propondo que ele frequentemente opera como as emoções e impulsionando-nos a navegar pelo mundo com discernimento e segurança. Por fim, Davies situa o surgimento do comportamento estético há cerca de 400.000 anos AP, e conclui que embora enraizado em nosso passado evolucionário o interesse pelo estético expandiu-se para todos os aspectos da vida moderna. A versão original do artigo foi publicada no periódico italiano *Aisthesis: Pratiche, Linguaggi e Saperi dell'Estetico*, v. 6, n. 2, p. 75-79, 2013, da Universidade de Florença (UNIFI). A presente tradução baseia-se na versão final do manuscrito revisto pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Senso estético; Valor evolucionário; Função adaptativa; Comportamento estético.

ABSTRACT: In “The Evolutionary Value of an Aesthetic Sense”, Stephen Davies argues that the human capacity to appreciate the beautiful and the sublime is not a merely contemplative trait but an adaptive function that contributed to the survival and reproductive success of our ancestors. The author challenges two common conceptions: that the aesthetic mode is purely passive, and that aesthetic interest must be indifferent to an object's functionality. Instead, he proposes that the aesthetic sense often functions as emotions do: it lights up the world, pushing or pulling us in one direction or another, thereby providing a tool for navigating the world astutely and safely. Finally, Davies locates the emergence of aesthetic behavior around 400,000 years before the present and concludes that, although rooted in our evolutionary past, the interest in the aesthetic has expanded to all aspects of modern life. The original version of the article was published in the Italian journal *Aisthesis: Pratiche, linguaggi e saperi dell'estetico*, v. 6, n. 2, p. 75-79, 2013, of the University of Florence (UNIFI). The present translation is based on the final version of the manuscript revised by the author.

KEYWORDS: Aesthetic sense; Evolutionary value; Adaptive function; Aesthetic behavior.

¹ Professor Emérito de Filosofia da Universidade de Auckland (Nova Zelândia) e ex-presidente da American Society for Aesthetics, Stephen Davies é um dos principais representantes da estética analítica contemporânea. Sua obra abrange contribuições sobre a definição da arte, a filosofia da música, a análise das origens evolucionárias da arte e a sua aplicabilidade em contextos não ocidentais. Entre seus trabalhos mais influentes estão *Definitions of Art* (Cornell University Press, 1991), *Musical Meaning and Expression* (Cornell University Press, 1994); a coletânea de ensaios *Philosophical Perspectives on Art* (Oxford UP/Clarendon, 2007); e *The Artful Species: Aesthetics, Art, and Evolution* (Oxford University Press, 2012). E-mail: sj.davies@auckland.ac.nz.

² Professor de Filosofia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: cpnascimento@uefs.br.

Nota introdutória do tradutor:

Esta tradução de "*The Evolutionary Value of an Aesthetic Sense*" – que aqui recebe o título de "O Valor Evolucionário do Senso Estético" – adota duas decisões terminológicas que convém esclarecer, a fim de evitar possíveis ambiguidades interpretativas.

(1) Sobre a tradução de "value" como "valor":

Em inglês, o substantivo *value* comporta dois sentidos que o português também concentra sob o termo "valor". O primeiro, de caráter axiológico, refere-se àquilo que torna algo desejável ou merecedor de apreço. O segundo, de natureza funcional e descritiva, designa a medida de utilidade, eficácia ou importância de algo, e aparece em expressões como "valor nutritivo", "valor calórico" ou "valor adaptativo". O inglês dispõe ainda de *judgment* para designar o ato de julgar, que pode ou não envolver a atribuição de valor nesse primeiro sentido, como em *value judgment* ("juízo de valor"). No âmbito deste artigo, com exceção da ocorrência inicial em que "valorizar" traduz o verbo *value* no seu sentido axiológico corrente, o termo *value* é empregado, no restante do texto, exclusivamente no segundo sentido, funcional e descritivo. Ele designa a medida da utilidade ou da eficácia do senso estético no contexto da evolução da espécie humana, isto é, a função que essa capacidade desempenhou para a sobrevivência e adaptação de nossos ancestrais, e que ainda desempenha em nossa vida moderna. Opto por manter a tradução de *value* como "valor", tanto no título como ao longo do texto, empregando esta nota introdutória para delimitar a sua especificidade semântica. Esta escolha preserva a concisão e a cadência rítmica do original, evitando alternativas como "validade", que, embora pudessem atenuar a ambiguidade, introduziriam uma expressão menos idiomática.

(2) Sobre a adoção de "evolucionário" como tradução de "evolutionary":

Opto aqui pela tradução "evolucionário", em lugar do mais comum "evolutivo", com o propósito de conferir maior precisão conceitual ao termo. Em português, "evolutivo" possui uma amplitude semântica que abrange tanto o processo biológico darwiniano (como em "biologia evolutiva") quanto, em sentido mais geral, formas de desenvolvimento histórico, cultural ou estilístico. Nesse último caso, o termo pode referir-se, por exemplo, à transformação histórica das formas e dos símbolos visuais, ao desdobramento de uma lógica interna das práticas artísticas ou à progressão da arte em direção à sua própria definição filosófica, como se observa em Panofsky, Hegel ou Danto. Empregar "evolutivo", desta forma, poderia induzir a uma interpretação ambígua do sentido proposto por Davies, cujo termo *evolutionary*, aqui, está intimamente relacionado ao quadro conceitual da biologia evolutiva e a noções como adaptação, sobrevivência e sucesso reprodutivo a fim de investigar em que medida as disposições estéticas e as práticas artísticas se relacionam com a história evolutiva da *espécie* (e não, neste caso, da *cultura*) humana.

O valor evolucionário do senso estético

Podemos aceitar a visão tradicional segundo a qual a estética diz respeito à experiência e ao juízo do belo e do sublime, juntamente com suas exemplificações mais específicas – o delicado, o uno etc. Valorizamos essas qualidades e desvalorizamos seus opostos, o feio e o insosso ou o entediante. Mas, se quisermos relacionar a estética à evolução, é necessário desafiar duas concepções comuns.

A primeira delas é que o modo estético é puramente passivo e contemplativo. Pode ser assim ocasionalmente, mas não é necessário nem é o padrão. Na verdade, o estético frequentemente funciona como as emoções: torna o mundo mais vívido e saliente, impelindo-nos ou atraindo-nos numa ou noutra direção. A beleza de um bebê deve evocar sentimentos de ternura e o desejo de segurá-lo e abraçá-lo. A feiura de um rato deve nos impelir a recuar. A grandiosidade imponente de picos altíssimos deve produzir uma admiração respeitosa que nos alerta, se optarmos por escalá-los. Em outras palavras, nosso senso estético fornece uma ferramenta para navegar pelo mundo com discernimento e segurança. E reconhecer tal fato nos permite perceber de imediato como ele pode ser evolucionariamente útil para promover a sobrevivência e o sucesso reprodutivo.

A segunda delas é a ideia de que o interesse estético deve ser indiferente à natureza do objeto e às questões funcionais, de tal maneira que se possa concentrar exclusivamente nas suas relações formais. É verdade que as propriedades estéticas de um item não precisam ser funcionalmente significativas e, portanto, podem ser apreciadas unicamente por si mesmas. Um desenho abstrato em uma jarra pode ser belo, embora irrelevante para o desempenho da jarra. Mas também podemos encontrar beleza na forma graciosa da jarra, o que em parte envolve apreciar como a forma se concilia com a sua finalidade e a favorece – por exemplo, ao despejar o que ela contém em um fluxo concentrado. E, além de apreciar como o caráter estético de uma coisa contribui para a sua finalidade, podemos descobrir na sua eficiência e no seu bom desempenho outras tantas fontes de apreciação estética. O engenheiro pode ouvir o som ordenado de um motor bem regulado e achá-lo belo. Ou seja, podemos achar que itens funcionais também são belos, seja porque suas qualidades estéticas favorecem suas finalidades, seja porque a maneira como funcionam, ou a manifestação de sua função, assume um matiz estético.

Os exemplos que escolhi para ilustrar este segundo ponto foram artefatuais. E deve ficar claro que o valor positivo da beleza, quando se conjuga com a função, pode promover a inovação e o desenvolvimento artefactual. Em outros termos, a busca pela beleza pode

gerar formas de desenvolvimento cultural que podem, por sua vez, levar a mudanças evolucionárias, assim como as diversas "indústrias" de ferramentas aprimoradas, o controle do fogo e outros avanços culturais/tecnológicos alteraram os ambientes dos povos pré-históricos de maneiras que modificaram sua biologia. Mas a conexão entre o estético e a funcionalidade também pode aplicar-se à esfera orgânica. Por exemplo, podemos encontrar beleza no modo como a pelagem e o comportamento de um animal o camuflam de predadores ou admirar a astúcia e o poder com que um predador persegue e mata sua presa. E, por meio dessas respostas estéticas, podemos mais facilmente empatizar com outros animais, tornando-nos assim caçadores ou pastores mais bem-sucedidos.

Eis, portanto, um exemplo de como o senso estético foi adaptativo para nossos ancestrais mais remotos. Eles eram atraídos por – e consideravam belas – as paisagens e os ambientes nos quais podiam prosperar com mais facilidade. Tratava-se de ambientes com abrigos seguros, acesso à água e a alimentos, proteção contra predadores e uma relativa ausência de parasitas e doenças. Aqueles com diferentes preferências estéticas de paisagem pereceram e não são nossos ancestrais (ou desenvolveram tecnologias poderosas que lhes permitiram converter um ambiente aparentemente desfavorável em um nicho mais hospitaleiro). Aqueles sem preferências estéticas ou escolheram os ambientes adequados por outras razões ou, mais provavelmente, não conseguiram escolher habitats ideais e, portanto, foram superados competitivamente.

Observe que ao argumentar que um juízo estético e uma avaliação funcional podem andar de mãos dadas, não afirmei que foi assim que as decisões relevantes do ponto de vista evolucionário foram tomadas. Não é que nossos antepassados considerassem a paisagem bela *porque* realizaram algum cálculo comparativo de sua fertilidade potencial etc. Afinal, sem dúvida compartilhamos muitas de suas preferências paisagísticas: valorizamos habitações com vista para áreas abertas semelhantes a parques, entrecortadas por lagos e rios, por exemplo. Mas isso não ocorre porque pretendemos caçar ou coletar alimentos na vizinhança. A beleza do ambiente se imporia a nossos ancestrais da mesma forma que se impõe a nós; isto é, como algo intrínseco à cena, que se harmoniza com uma preferência interna que não requer justificativa adicional. Nesse sentido, muitos comportamentos que servem aos nossos interesses biológicos são motivados por si mesmos. Encontramos prazer intrínseco na comida, em nossos parceiros, em nossos filhos, no sono e no exercício físico. Sem dúvida, isso ocorre porque a maioria das criaturas é incapaz de realizar os cálculos relativos aos seus interesses biológicos, e aquelas que

são capazes podem tender a privilegiar interesses ao nível do organismo em detrimento dos interesses propriamente biológicos.

Dado que animais menos complexos e insetos podem experimentar prazer e dor e, por vezes, são guiados por eles, o argumento anterior implica que as respostas e motivações desses animais são estéticas? A afirmação de que o estético pode desempenhar um papel evolucionário implica a conclusão de que a maioria das criaturas capazes de discriminação mínima são estetas? Charles Darwin pensava que sim. Ele sustentava que quando a fêmea do gafanhoto escolhe acasalar com um macho estridulante, em vez de outro qualquer, é porque considera seu canto belo.³ Mas não precisamos endossar uma visão tão permissiva da resposta estética. Não há razão para supor que todas as discriminações baseadas no prazer sejam fundamentadas na apreciação (implícita) do belo ou do sublime. Muitas poderiam ser baseadas, em vez disso, em impulsos de natureza sexual ou em sensações vagas do que é certo ou apropriado, por exemplo.

Podemos ter uma ideia de quando os modos estéticos de apreciação surgiram, na história evolucionária, considerando seu papel no contexto ecológico da criatura. Como escrevi anteriormente, o estético torna o mundo vívido e saliente e, conseqüentemente, nos leva a alterar nosso comportamento. A resposta estética nos ensina sobre a nossa relação com o mundo; é uma fonte de conhecimento. Tal resposta seria adaptativa do ponto de vista evolucionário apenas em uma criatura que possuísse a plasticidade comportamental (e cognitiva) necessária para colocar esse conhecimento a serviço de finalidades evolutivas úteis. A criatura deve ser capaz de aprender com a experiência e modificar seu comportamento em conformidade, em vez de ser guiada pelo que é corretamente chamado de instinto *cego*.

Anteriormente, comparei a resposta estética a uma emoção. Podemos, da mesma forma, perguntar quando todas as respostas emocionais, exceto as mais básicas, poderiam ter contribuído positivamente para a sobrevivência e reprodução de uma criatura. E creio que o mesmo se aplica à resposta estética. Emoções mais elevadas e reações estéticas frequentemente funcionam como estímulos para sequências comportamentais sofisticadas ou prolongadas. Elas não seriam de utilidade evolutiva para os insetos.

Mas o que conta como o tipo de plasticidade comportamental e cognitiva necessária para sustentar e extrair valor de um interesse pelo belo e pelo sublime? Evidentemente, essa pergunta não é fácil de responder. E, novamente, podemos traçar um paralelo com as emoções. Provavelmente, estas emergem apenas de forma gradual e por etapas ao longo da árvore da

³ Ver: *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex*, parte 2, capítulo 11, p. 329. Para afirmações semelhantes sobre pássaros, ver: parte 1, capítulo 3, p. 92; parte 2, capítulo 13, p. 381-382; parte 3; e capítulo 21, p. 616 (DARWIN, 1880).

vida. Quanto mais complexas e sofisticadas forem, maior a probabilidade de que pertençam aos primatas, por assim dizer, ao invés de a todos os mamíferos. É bastante claro que os grandes primatas são capazes de experimentar emoções bastante complexas. Não me surpreenderia descobrir que eles também possuem um senso estético, embora as evidências a favor dessa hipótese sejam, até agora, inconclusas.

Na linhagem humana de espécies ancestrais agora extintas, o indício mais antigo de comportamento estético data de cerca de 400.000 anos AP (antes do presente); ou seja, é anterior à evolução de nossa própria espécie. Naquele período, parece ter ocorrido uma mudança de atitude no que diz respeito à produção de uma pequena parte dos machados de mão. Cerca de 2% foram trabalhados muito além do necessário para que cumprissem seu propósito prático de esquartejar animais mortos. O foco, na produção, estava em alisá-los e torná-los perfeitamente simétricos. Além disso, muitos dos melhores exemplares nunca foram de fato utilizados para corte. Em outros casos, os fabricantes dos machados trabalhavam tipos incomuns de pedras (por vezes coloridas) ou nelas destacavam fósseis ou veios minerais. E alguns dos machados eram de dimensões tão grandes que tornavam seu uso impraticável. É possível que esses machados estivessem sendo apropriados para alguma nova função, por exemplo, como uma exibição sexualmente atraente da destreza e habilidade masculinas para as fêmeas. Alternativamente, talvez tenham sido feitos como fins em si mesmos. É difícil saber. Ainda assim, parece plausível reconhecer intenções estéticas por trás do que foi feito.

Assim, tal como foi herdado pelo *Homo sapiens* e posteriormente desenvolvido, o senso estético desempenhou uma função evolutiva. Ele nos atraiu para condições que favoreciam a sobrevivência e o sucesso reprodutivo, e nos afastou de condições que afetavam negativamente a longevidade e a fertilidade. Mas, para nossa espécie, esses resultados desejáveis eram incidentais, e não calculados. Nossa busca era pelo belo e pelo sublime. E há muitas oportunidades e opções para perseguir esses fins, incluindo aquelas em que não há nenhum benefício biológico.

Nosso interesse pelo estético é um dos prismas mais comuns por meio dos quais consideramos o mundo em geral. E aplicamos esse interesse não apenas às condições em que nossos ancestrais caçadores-coletores viviam há milhares de anos, mas a todos os aspectos da vida moderna. Preferimos um leitor eletrônico fino e elegante a outro que apresente desempenho equivalente, mas seja desajeitado e desproporcional. Ainda assim, é interessante observar o quão profundamente enraizados estão nossos interesses estéticos em paisagens e

ambientes, em animais não humanos e na aparência e comportamento de nossos semelhantes. Em todos esses casos, devemos ser sensíveis ao eco do passado evolucionário de nossa espécie.⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DARWIN, Charles. *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex*. New edition, revised and augmented. London: D. Appleton, 1880.

DAVIES, Stephen. *The Artful Species: Aesthetics, Art, and Evolution*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

⁴ Para um exame mais profundo e detalhado, consulte meu livro *The Artful Species: Aesthetics, Art, and Evolution* (DAVIES, 2012).